



O papel do conflito entre o Estado e os cartéis na crise aguda de violência e revitimização da mulher no México: uma análise de conjuntura¹

The role of the conflict between the State and the cartels in the acute crisis of violence against women and their revictimization in Mexico: a situational analysis

Julia Rudrigues

Mestranda em Ciência Política no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas e bolsista do Programa de Demanda Social da CAPES. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas.

Caio Menezes

Doutorando em Ciência Política no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Ciência Política e bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas.

77

¹ Recebido para Publicação 14/04/2026. Aprovado para Publicação em 28/08/2026.

DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.20206183>





Resumo

O governo do presidente Felipe Calderón declarou uma guerra às drogas no México em 2006, desencadeando um processo de militarização do país e um cenário de conflitos armados frequentes, tanto entre o Estado e os cartéis de drogas quanto entre os próprios cartéis. Essa conjuntura propiciou o agravamento de uma crise aguda de violência contra a mulher. Haja vista, o presente artigo tem como objetivo investigar o papel do conflito entre o Estado e os cartéis na crise aguda de violência e revitimização da mulher no México. Para tanto, emprega-se o método da análise de conjuntura de Herbert de Souza.

Palavras-chave: Análise de Conjuntura, Cartéis, México, Violência contra a mulher.

Abstract

In 2006, the government of President Felipe Calderón declared a war on drugs in Mexico, triggering a process of militarization and a context of frequent armed conflict, both between the state and drug cartels and among the cartels themselves. This situation contributed to the worsening of an acute crisis of violence against women. Given this context, this paper aims to investigate the role of the conflict between the state and the cartels in Mexico's acute crisis of violence against and revictimization of women. To this end, it employs Herbert de Souza's conjunctural analysis method.

Keywords: Cartels, Conjunctural Analysis, Mexico, Violence against Women.





Introdução

De acordo com o Relatório *Femicides in 2023: Global Estimates of Intimate Partner/Family Member Femicides*, elaborado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC - sigla em inglês) em conjunto com a ONU Mulheres, uma mulher morre a cada dez minutos no mundo vítima de seu parceiro ou familiares (UNODC; UN WOMEN, 2024). Dentro desta tendência global, o México apresenta números alarmantes: no ano de 2023 o país registrou cerca de 10 assassinatos de mulheres por dia, com totais de 848 vítimas de feminicídio e 2.591 homicídios dolosos (ONU MUJERES, 2024). Esse panorama é relacionado à declaração de guerra às drogas em 2006, partindo do presidente da época, Felipe Calderón. Entretanto, autoras como Agnew (2015) traçam a origem da onda de violência contra a mulher no México até meados de 1990, período em que as operações de combate às drogas na Colômbia impulsionaram o deslocamento e a reterritorialização das configurações de poder do tráfico de drogas no país.

Conforme o relatório sobre violência contra as mulheres no México produzido pelo *Data Cívica* no ano de 2022, referente aos dados de 2021, existem diferentes tipos de violência enfrentadas pelas mulheres, tais como: psicológica, física, sexual e econômica, em diferentes âmbitos, seja comunitário, escolar, laboral, de casal ou familiar. No ano de 2021 a violência mais comum vivida pelas mulheres foi a sexual no âmbito comunitário (20,2%), seguida da psicológica nas relações de casal (17,2%) e da econômica no âmbito laboral (15,3%) (DATA CÍVICA, 2022). No que concerne ao perfil de prevalência de violência quanto à faixa etária, o grupo de mulheres entre 15-24 anos é o que apresenta maiores índices, com maior nível em mulheres com alto grau de escolaridade. Isto posto, há uma possibilidade de subnotificação em casos de mulheres de 65 anos ou mais que sofreram alguma violência, ou de mulheres com baixa escolarização que por diversos fatores sociais não denunciaram ou não compreendem a violência sofrida.

Levando-se em conta o panorama apresentado, este estudo tem como objetivo investigar o papel do conflito entre o Estado e os cartéis na crise aguda de violência e revitimização da mulher no México. Para tanto, emprega-se a metodologia da análise de conjuntura de Herbert de Souza, aplicando as categorias de análise de acontecimentos, cenários, atores, relação de forças e articulação entre conjuntura e estrutura ao caso mexicano.

O artigo é composto por cinco seções: Introdução, Revisão teórica e metodológica, Análise e discussão, e Conclusão. Na Introdução, contextualiza-se o histórico de rupturas políticas do México e sua relação com a conjuntura de crise aguda de violência contra a mulher. Na seção de Revisão teórica e metodológica são apresentados os principais conceitos e categorias que estruturam a pesquisa, tanto teóricos como metodológicos. Na seção de Análise e discussão é empreendida uma análise de conjuntura, investigando o panorama de violência e revitimização da mulher no México. Na Conclusão, por fim, é apresentado como resultado a forte relação entre a estrutura histórica profundamente patriarcal, religiosa e violenta, e a conjuntura de guerra às drogas e violência extrema contra as mulheres.





Revisão teórica e metodológica

As categorias de violência de gênero e de violência institucional são indissociáveis entre si, na medida em que não é possível excluir da análise que a violência de gênero é retroalimentada pela violência institucional através de ações e omissões do Estado e seus representantes (Bodelón, 2014). Cerva Cerna (2020) afirma que o Estado pratica violência institucional contra as vítimas de feminicídio, violência sexual e desaparecimento ao negligenciar investigações e julgamentos, se omitir da responsabilidade sobre os números alarmantes de violência contra a mulher no país, permitir a impunidade dos agressores e criminalizar protestantes que se indignam com a realidade enfrentada.

Segundo o *Diario Oficial de la Federación* (2015) da Secretaria de Governo do Estado mexicano, a revitimização pode ser definida como um padrão, ou seja, uma soma de omissões, no qual a vítima de abuso e/ou criminalidade tem suas chances de ser vitimada novamente aumentada. Pesquisas relacionadas à temática de violência contra mulheres no México identificam um processo de revitimização sofrido por esse grupo por parte do Estado (Gómez, 2022; Carranco, 2020; Cerva Cerna, 2020; Bodelón, 2014). No que concerne ao Estado, o governo do México oferece sua própria definição de feminicídio: a morte de mulheres em razão de gênero (Gobierno del México, 2016).

É necessário ainda definir o que se entende como práticas feministas. Diversas práticas feministas podem ser elencadas ao longo da história, desde o discurso e a formação de ideologias feministas, passando pela história da bruxaria, e chegando nas formas de ativismo político contemporâneas; tais como a formação de movimentos feministas (Charles, 2013). Nesse sentido, entende-se como práticas feministas de enfrentamento nesta pesquisa os mecanismos encontrados pelas mulheres mexicanas para se proteger e proteger umas às outras da vitimização e/ou revitimização, para protestar e para demandar tanto justiça como mudanças que tornem o país capaz de combater a crise aguda de violência contra a mulher.

Para interpretar tal cenário analiticamente, adota-se o método da análise de conjuntura de Herbert de Souza. Para Souza (1984) a análise de conjuntura é uma leitura especial da realidade realizada de acordo com uma função e interesse, o que a permite ser objetiva caso o analista faça esse esforço, mas a impede de ser neutra ou desinteressada em qualquer circunstância. Ainda conforme, Souza (1984) elenca cinco categorias de análise essenciais, utilizadas por Karl Marx no livro seminal para a análise de conjuntura intitulado *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*: acontecimentos, cenários, atores, relação de forças e articulação (relação) entre estrutura e conjuntura.

Os acontecimentos são estabelecidos como fatos importantes para a análise. Os cenários são os espaços onde se dão as ações perpetradas pelos atores na trama social e política. Os atores, por sua vez, são os grupos que participam nas relações de forças, que podem ser de três tipos: confronto, coexistência ou cooperação. Na articulação entre conjuntura e estrutura, por fim, procura-se localizar o fio condutor histórico que interliga os movimentos, contradições e condições que conformam a conjuntura em análise, e a conjuntura *per se* (Souza, 1984).





Análise e discussão

Acontecimentos

Souza (1984) entende acontecimentos como fatos importantes para a análise. Nesse sentido, faz-se a escolha de apresentar conjuntos de acontecimentos em forma de dados, pois na análise efetuada apenas descrever uma seleção de casos de feminicídio e violência contra a mulher seria chocante pelos níveis de crueldade, mas não suficiente para demonstrar a frequência que esses acontecimentos ocorrem. O início da onda de feminicídios no México pode ser traçada até 1993, ano em que começaram a ser encontrados corpos de mulheres com sinais de estupro, espancamento e mutilação nos arredores de Ciudad Juárez (ONU News, 2024; Agnew, 2015; Washington Office On Latin America; Latin America Working Group, 2005; Fragoso, 2002).

Segundo dados do *Instituto Nacional de Estadística y Geografía* (INEGI), do México, entre 1993 e o ano mais recente de que se há dados consolidados, 2022, o número oficial de mortes de mulheres com presunção de homicídio, por estado e ano de ocorrência chegou a 64.811, com uma média de 2.160 por ano (INEGI, 2026). Entretanto, é preciso sublinhar que o dado de mortes de mulheres com presunção de homicídio fornecido pelo INEGI não é equivalente aos dados de feminicídios. De acordo com Gress *et al.* (2023), em sua pesquisa que analisa a tendência de crescimento do feminicídio em comparação com outros crimes no México entre janeiro de 2016 a março de 2022, neste período foram registrados 5.759 feminicídios; ou seja, uma média de 951 casos por ano. Segundo os resultados de Gress *et al.* (2023), o número médio de feminicídios apresentou uma tendência de aumento desde 2015.

81

Cenários

Os Estados Unidos Mexicanos, ou México, estão localizados na América do Norte, e abrangem uma área de 1.964.375 km². O país faz fronteira com os Estados Unidos da América, Guatemala e Belize, e possui uma população total de mais de 126 milhões de habitantes. O regime político vigente, segundo informe do site oficial do governo mexicano, é “uma República Representativa, Democrática, Federal, composta por cidadãos livres e soberanos em todos os assuntos relativos ao seu governo interno, mas unidos em uma Federação” (Gobierno do México, 2023).

A colonização do país iniciou-se a partir de 1521, com a invasão espanhola. Na época, o território onde hoje se situa o México possuía um regime político governado pela civilização Asteca (Tuñón Pablos, 1987). Através do processo de colonização, violento tanto fisicamente como ideologicamente, a civilização Asteca foi sistematicamente destruída e substituída através da implementação de costumes e práticas europeias (Donghi, 1997). A violência histórica no México pode ser vista também nas atrocidades cometidas por seu vizinho, os Estados Unidos, ao empreenderem a expansão em direção ao Oceano Pacífico. Baseado no que foi denominado Destino Manifesto autodeclarado, os Estados Unidos se apropriaram do norte do





território do México, reduzindo assim a área total do país em 55% com a assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo em 1848 (Moreno, 2011).

Durante o período marcado na história como Porfiriato, o México foi governado pelo general Porfirio Díaz (1877-1880 e 1884-1911) de forma ditatorial e autoritária. Coatsworth e Torres (1975) expõem que o Porfiriato ficou marcado por um aumento das desigualdades sociais, uma vez que expropriou as terras dos camponeses e indígenas e submeteu os operários a longas jornadas de trabalho, culminando em uma onda de insatisfação social que levou à Revolução Mexicana (Cruz, 2016). Liderada por figuras como Emiliano Zapata, a Revolução culminou na promulgação da Constituição de 1917 e na ascensão do Partido Revolucionário Institucional (PRI), que governou o México até os anos 2000.

A ascensão dos cartéis no México se correlaciona com esse período do estabelecimento do PRI. Conforme Sarkis (2013), o desenvolvimento da produção de entorpecentes no México teve seu início ainda durante o Porfiriato, sendo seu uso destinado a fins medicinais e legalizado. A chegada de trabalhadores chineses devido à expansão da atividade de mineração no Oeste da América do Norte, em especial no território hoje ocupado por Los Angeles, consolidou a produção de ópio e maconha na região que ficou conhecida como o triângulo dourado da droga. Composto pelos estados de Sinaloa, Durango e Chihuahua, o triângulo é próximo justamente da fronteira com os Estados Unidos (Sarkis, 2013).

De acordo com Bragança (2015) a guerra cartéis *versus* Estado advém da vertente proibicionista adotada pelo Estado mexicano ainda nos anos 1920, arraigada na ideia de moralizar a sociedade para civilizá-la. A produção de drogas no México teve a sua criminalização na época devido à influência dos Estados Unidos, que pressionou para a penalização do consumo e da venda de drogas. Sarkis (2013) aponta que Convenções realizadas nos anos 1906, 1909, 1911 e 1912 impuseram a proibição do ópio e o entendimento sobre os seus malefícios, com o México se comprometendo a erradicar o cultivo e o consumo. Isto posto, a produção, antes legalizada se tornou ilegal.

Nas décadas seguintes o Estado mexicano, apoiado pelos Estados Unidos, rechaçou os cartéis da região em atividades que culminaram na Operação Condor (1975-1978), uma estratégia de ação com enfoque no triângulo dourado cuja intensidade levou à cartelização; um processo de intensa organização do narcotráfico para enfrentamento ao Estado (Sarkis, 2013). Bragança (2015) relata que a partir dos anos 1970 a abordagem estatal se tornou muito mais dura, repressiva e militarizada, influenciada pelos Estados Unidos de Richard Nixon (1969-1974).

Com a primeira guerra às drogas no México, a Operação Condor, e o *boom* da cocaína, as drogas foram transformadas em uma questão de segurança nacional. Embora a estratégia tenha produzido sucesso até os anos 1990, a relação entre Estados e cartéis era desigual (Bragança, 2015; Sarkis, 2013; Osorno, 2011). Osorno (2011) demonstra que alguns cartéis, como o de Sinaloa e do Golfo, conseguem desafiar o Estado constantemente ao manter a produção de drogas e as rotas de distribuição abertas a despeito das políticas de combate do Estado.

Nos anos 1990 a posição do Estado piorou ainda mais com o surgimento de diversos cartéis pequenos e de difícil rastreamento, consequência da supressão do narcotráfico da Colômbia. A migração do controle do tráfico de drogas para os Estados Unidos da Colômbia para o México, entretanto, não enfraqueceu apenas a posição do Estado: ela foi a raiz da crise aguda de violência contra a mulher que perdura até hoje no país (Bragança, 2015).

Não se pode subestimar a lucratividade do comércio ilegal de drogas, bem como os efeitos causados em seus usuários devido ao seu potencial de vício, elementos que tornam difícil o combate. Rodrigues e



Labate (2019) apontam que aspectos sociais, econômicos, políticos e de segurança dificultam a contenção do narcotráfico devido ao seu caráter psicoativo para os consumidores, e de grandes ganhos financeiros para produtores e vendedores. O mercado de drogas no México tem sua potencialidade de oportunidade de ganhos aumentada devido à sua proximidade com os Estados Unidos. O Relatório Mundial de Drogas de 2025, produzido pela UNODC, expõe que o mercado de narcóticos do México tem como seu principal destino os Estados Unidos. O país é um dos maiores consumidores de opioides do mundo, ao mesmo tempo que o México é caracterizado como um dos principais produtores (UNODC, 2025).

Essa correlação revela a consolidação de práticas criminosas transfronteiriças arraigadas no narcotráfico, com grandes ganhos econômicos para os cartéis. Por isso, é fundamental compreender as relações estabelecidas entre os atores, visto que os cartéis de narcotráfico no México são beneficiados por sua localização geográfica de vizinhança imediata com os Estados Unidos. Torna-se claro, portanto, o papel estratégico do México como produtor e difusor das drogas, e o papel dos Estados Unidos como mercado consumidor, e faz-se necessária a análise dos atores e suas relações de forças na crise aguda de violência contra a mulher resultante das dinâmicas do narcotráfico na região.

Atores

Embora este seja um estudo sobre a violência contra as mulheres no México, é fundamental o entendimento do desenvolvimento dos cartéis no país, apresentando o mercado global de drogas. Estudos apontam que a crescente dos cartéis mexicanos tem seu desenvolvimento conjuntural devido ao enfraquecimento dos cartéis colombianos (Castillo, 2020; Bagley, 2011). Para suprir a demanda do mercado dos Estados Unidos nos anos 1990, os cartéis colombianos, principais fornecedores à época, realizaram alianças com grupos mexicanos para estabelecer rotas de contrabando no México facilitadoras da entrada de mercadorias ilícitas nos Estados Unidos (Bagley, 2011). De acordo com o estudo de Castillo (2020), o enfraquecimento dos cartéis colombianos deixou um vácuo de demanda por parte do mercado estadunidense, que propiciou a expansão dos cartéis mexicanos.

Nesse sentido, o estabelecimento de novos cartéis fez com que eclodissem disputas internas no norte do México pelo controle desse mercado ilícito. Isto posto, houve a promoção de conflitos dentro do país entre cartéis, que disputam ininterruptamente pelo domínio de cada organização e o controle da produção, rotas e mercados (Castillo, 2020). Com o intuito de controlar a crescente da violência promovida pelos cartéis, o Estado mexicano declarou guerra às drogas em 2006 (Magaloni; Magaloni; Razu, 2018; Atuesta; Siordia; Madrazo, 2016; Gonzalbo, 2013).

As pesquisas mostram que o enfrentamento do Estado aos cartéis propiciou a crescente de violações por parte do Estado, provocando o aumento da violência por parte dos grupos criminosos. Magaloni, Magaloni e Razu (2018) expõem a legitimação dos métodos de tortura por parte do Estado contra a sociedade, sejam as vítimas envolvidas ou não em atividades ilícitas. Atuesta, Siordia e Madrazo (2016), por sua vez, apresentam dados que evidenciam os aumentos dos índices de violência e homicídios. Nesse sentido, é exposto que o Estado, ao procurar rechaçar os cartéis, atua de forma violenta, constituindo um ator que corrobora com a crescente de mortes no país.

O estudo do Instituto Igarapé (2023) apresenta que a crescente da violência no país ocasionou a crescente da violência contra mulheres, havendo um aumento da taxa de homicídios no mesmo período em





que o enfrentamento às drogas se iniciou no país. Isso propiciou o surgimento de práticas de enfrentamento. A resistência das mulheres revela a população feminina organizada como um ator central que se posiciona contra o Estado em prol das demandas de segurança para as mulheres. Esse grupo manifesta críticas à ausência de uma agenda voltada para a população feminina e à diminuição de verbas direcionadas às políticas de proteção desse grupo, que se intensificaram durante o período em que Andrés Manuel López Obrador (2018-2024) ocupou o cargo de Presidente da República no México.

López Obrador agravou o cenário político ao caracterizar o feminismo como um problema para o país, atribuindo ao movimento a culpa pelas instabilidades políticas. Em vídeo publicado em sua rede social no ano de 2021, López Obrador fez duras críticas aos movimentos feministas, conforme exposto em reportagem de Francesco Manetto para o El País Brasil em 2021. Em seu pronunciamento, o presidente à época apresentou as articulações feministas como conspiracionistas contra seu governo, afirmando que “por ocasião do novo aniversário do Dia da Mulher, toda uma campanha de difamação foi desencadeada contra o Governo e contra mim”, além de outros trechos como:

As forças conservadoras são muito retrógradas, muito autoritárias, infiltram gente para provocar violência, para prejudicar. Imaginem, permitir que vandalizem o Palácio Nacional, porque é isso que querem, um escândalo, uma grande notícia nacional e internacional (Manetto, 2021, s.p.).

84

López Obrador relacionou ainda os movimentos feministas a grupos conservadores, estabelecendo uma correlação com movimentos autoritários e extremistas como o nazismo e as ditaduras espanhola e chilena, conforme trecho a seguir:

São muito autoritários os conservadores, e eu vou dizer, fascistoides. É Hitler, é Franco, é Pinochet. É assim que pensam... E o que isso tem a ver com o feminismo? Pelo contrário, isso é o oposto do movimento feminista (Manetto, 2021, s.p.).

Os pronunciamentos evidenciam o México, através de seus representantes políticos, como um ator que realiza a revitimização das mulheres, deslegitimando suas lutas e suas demandas. Claudia Sheinbaum, futura presidente sucessora de López Obrador e chefe de governo da Cidade do México na época, também adotou posições controversas. Ao se pronunciar sobre a repressão policial às manifestações feministas em frente às redações da La Prensa pelo feminicídio de Ingrid Escamilla em 2020, Sheinbaum foi acusada de *gaslighting*. De acordo com Camacho (2020, s.p. *apud* Cerva Cerna, 2020, p. 8) a futura presidente alegou que as protestantes estavam imaginando o gás que as policiais com equipamento de choque borrifaram, e que essa substância que irritou os olhos e a garganta das manifestantes e da imprensa presente nunca existiu. Entretanto, o pó apareceu em dezenas de vídeos, e os policiais na cena usavam máscaras.

Relação de forças





Para se cumprir o objetivo proposto nesta análise, é necessário compreender as relações de forças existentes. Dessa maneira, duas relações de forças são consideradas essenciais: a relação Estado *versus* cartéis e a relação Estado *versus* população feminina organizada. Essas duas relações de forças são fundamentais pois, a crise de violência contra a mulher não pode ser explicada fora do contexto de guerra às drogas entre Estados e cartéis, e as práticas feministas de enfrentamento são intrinsecamente ligadas à relação de forças Estado *versus* população feminina organizada.

É importante apontar que, embora os cartéis que mantêm o fluxo de drogas para os Estados Unidos passando pelo México tenham dado início à crise, o Estado mexicano é responsável por ela em pelo menos três instâncias: (i) a ineficiente estratégia da guerra às drogas, que em sua primeira fase nos anos 1970 culminou na cartelização e em 1990 foi incapaz de conter a transição do controle do narcotráfico da Colômbia para o México; (ii) a incapacidade de conter a crise, que persiste há mais de trinta anos; e (iii) a cultura burocrática de revitimização das mulheres afetadas e da população feminina como um todo. Neste cenário, diversas práticas feministas de enfrentamento às revitimizações praticadas pelo Estado podem ser identificadas: agroecológicas, digitais, manifestações de rua, redes e coletivos e artísticas.

O *Brujas del Mar* é um coletivo feminista com origem em Veracruz, cujas práticas feministas se irradiam entre digitais, manifestações de rua e formação de redes e coletivos. O coletivo foi criado por Arussi Unda (profissional de marketing), Judith Muñoz (designer gráfica), Olga González (psicóloga) e Larissa Mateos (fotógrafa), e surgiu como um grupo no *Facebook* no final de 2019 com o objetivo de compartilhar informações feministas entre as mulheres de Veracruz. Com menos de um ano de existência, o grupo já contava com mais de 160 mil seguidores em 2020 (Vogue México y Latinoamérica, 2020).

Foi esse escopo digital que permitiu ao *Brujas del Mar* estar no centro da organização da primeira greve de mulheres do país no 8 e 9 de março daquele ano, lançando a convocatória que levou à viralização do movimento *Un Día Sin Nosotras* no meio digital. A greve, que de acordo com Elena Reina em reportagem para o *El País Internacional* em 2020 levou centenas de mulheres às ruas das principais cidades do país em manifestações contra a crise aguda de violência contra a mulher, foi acompanhada por um registro de 21 assassinatos de mulheres durante os dois dias de protesto (Reina, 2020). Outro exemplo de manifestações de rua é a *Marea Verde*, movimento a favor da legalização do aborto nos países latino-americanos que começou na Argentina e foi adotado pelas mulheres mexicanas (Gire, 2026)

No contexto mexicano ainda são encontradas práticas feministas de resistência agroecológicas. Espinal e Azcona (2020) são afrodescendentes e indígenas autodeclaradas, e relatam sua experiência em redes e coletivos de mulheres camponesas, indígenas, migrantes, morenas e de bairros populares. Conforme as Espinal e Azcona (2020), em Chiapas essas redes e coletivos têm forte ligação com a academia, e as pesquisadoras buscam promover o encontro entre estudantes e camponesas, fazendo oficinas de sensibilização para a questão do gênero, da discriminação e da exclusão, e atividades de educação popular para a educação alimentar, além de atividades de limpeza e cuidado de pomares e plantações de milho. Já em Oaxaca a discussão da soberania alimentar é voltada para as experiências e saberes das pescadoras locais.

Outras práticas de resistência combinam a arte às manifestações de rua. Uma extensa cerca de metal colocada às vésperas das manifestações do Dia Internacional da Mulher de 2021 ao redor do Palácio Nacional do México, causou revolta e insatisfação nas protestantes. De acordo com Marín Vázquez (2021), a barreira, com cerca de dois metros de altura, foi instalada para evitar ataques ao Palácio Nacional. As protestantes ativistas feministas tomaram a decisão, na noite do dia 6 de março daquele ano, de escrever com tinta branca





sobre o metal preto das barreiras centenas de nomes de mulheres vítimas de feminicídio no país. A arte, combinada à manifestação de rua, foi uma resposta à revitimização do Estado, responsável por tratar as protestantes como vândalas e possíveis ameaças ao patrimônio público. Embora estivessem ali para reivindicar direitos e justiça, o Estado as tratou como criminosas a serem mantidas do outro lado da barreira.

Articulação entre estrutura e conjuntura

A conjuntura preocupante do México no século XXI tem raízes profundas na formação do país e em sua estrutura. Ao longo da história, o México foi marcado por uma série de rupturas e violências políticas. Piccato (2022) expõe que a violência no país se apresenta nas revoluções realizadas, na conquista e expropriação de terras, nas imposições religiosas e no combate aos crimes, aos negócios ilegais e nas repressões por parte do Estado.

Entretanto, a conjuntura de crise aguda de violência contra a mulher não pode ser explicada em sua totalidade ao se voltar o olhar apenas para a estrutura. Agnew (2015) e Bragança (2015) demonstram que as dinâmicas de poder em mudança, inerentes às geografias mutáveis dos fluxos ilícitos de drogas, são explicações mais plausíveis. Mas a relação da conjuntura social do México parece explicar o aumento descontrolado da violência contra a mulher apenas quando associada a um elemento específico da estrutura: a cultura machista dominante no México. Para Fragoso (2002), o machismo advém da socialização dos homens na cultura do país. Essa interpretação vai de acordo com o disposto por Gómez (2022), segundo a qual a constante violência contra a mulher é arraigada na estrutura patriarcal do México, organizada em torno das categorias de gênero “feminino” e “masculino”, e seu atravessamento pelo exercício do poder.

Mies (2020) aponta que o patriarcado possui características sociais, culturais e econômicas que determinam as vidas das mulheres do nascimento até a morte. Gómez (2022) acrescenta que o patriarcado também determina a vida dos homens, na medida em que o “masculino” exerce poder sobre o “feminino”. A partir do momento em que o “feminino” é débil, obediente e submisso, e o “masculino” é racional, dominador, e líder, o sistema patriarcal que se configura entrega o poder ao homem e se revela desvantajoso e violento para as mulheres. Quando essa estrutura patriarcal é associada, portanto, à uma conjuntura social violenta perpassada pelo narcotráfico (AGNEW, 2015; FRAGOSO, 2002), e a um Estado conivente e revitimizador (Carranco, 2020; Cerva Cerna, 2020; Estévez, 2017; Bodelón, 2015), a crise aguda de violência contra a mulher no México pode ser compreendida mais claramente.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo investigar o papel do conflito entre o Estado e os cartéis na crise aguda de violência e revitimização da mulher no México. Os resultados da análise de conjuntura demonstram que a violência contra as mulheres no México tem como fio condutor histórico uma estrutura patriarcal e violenta. A construção histórica mexicana é marcada por uma série de violações tanto internas, ligadas a processos políticos domésticos, quanto externas, voltadas à relação do México com outros Estados e atores estrangeiros.





A conjuntura de crise atual, por outro lado, é perpassada pela violência cometida tanto pelos cartéis do narcotráfico como pelo Estado. Um fator conjuntural importante revelado é o mercado internacional de drogas, que constitui um elemento fundamental para a violência no país nas décadas recentes. Em virtude da proximidade do país com os Estados Unidos, o maior consumidor de narcóticos do mundo, o México tem se perpetuado na atualidade como uma rota direta do tráfico internacional de drogas.

O narcotráfico promove um ambiente de insegurança e violência no país devido aos conflitos entre os cartéis, mas também entre o Estado e os cartéis. O Estado mexicano, ao estabelecer práticas de combate ao narcotráfico, termina por contribuir para a intensificação da violência ao invés de para sua mitigação. A análise ainda aponta que a população feminina, já vulnerável nesse contexto, ao reivindicar proteção e garantias de direitos, sofre ataques por parte do Estado e é até mesmo criminalizada a depender da prática de enfrentamento em que se engaja, sendo assim revitimizada pelos órgãos estatais que deveriam resguardá-las. O Estado mexicano revela-se, portanto, não apenas ineficaz no combate à crise aguda de violência contra as mulheres, mas também um perpetrador da violência contra elas.

Referências bibliográficas

- AGNEW, Heather Robin. Reframing 'femicide': Making room for the balloon effect of drug war violence in studying female homicides in Mexico and Central America. **Territory, Politics, Governance**, v.3, n.4, p.428–445, 2015.
- ATUESTA, Laura; SIORDIA, Oscar S.; MADRAZO, Alejandro. La guerra contra las drogas en México: registros (oficiales) de eventos durante el periodo de diciembre de 2006 a noviembre de 2011. Cuadernos de Trabajo del Monitor del Programa de Política de Drogas, CIDE, 2016.
- BAGLEY, Bruce. Carteles de la droga: de Medellín a Sinaloa. **Criterios**, v.4, n.1, p.233–247, 2011.
- BODELÓN, Encarna. Violencia institucional y violencia de género. **Anales de la Cátedra Francisco Suárez**, v.48, p.131–155, 2014.
- BRAGANÇA, Danillo Avellar. As “Três Guerras”: êxitos e fracassos da guerra às drogas e o caso mexicano, **Perspectivas**, v.45, p.139-153, 2015.
- CARRANCO, Dalia B. La no revictimización de las mujeres en México. **Revista Digital Universitaria**, v.21, n.4, 2020.
- CASTILLO, Darío Enrique Cortés. Crimen transnacional organizado: las organizaciones del narcotráfico mexicano en Colombia: los carteles mexicanos en Colombia. **Novum Jus**, v.14, n.2, p.123–146, 2020.
- CERVA CERNA, Daniela. La protesta feminista en México: la misoginia en el discurso institucional y en las redes sociodigitales. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v.65, n.240, p.177–205, 2020.
- CHARLES, Nickie. Feminist practices: identity, difference, power. **Practising Feminism**, 1–37, Routledge, 2013.





COATSWORTH, John H.; TORRES, Alicia. Los orígenes del autoritarismo moderno en México. **Foro Internacional**, v.16, n.2, p.205–232, 1975.

CRUZ, Júlia Melo Azevedo. Zapatismo da Revolução Mexicana pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). **Revista Hydra**, v. 1 n. 1, 2016.

DATA CÍVICA. Violencias contra las mujeres en México: la ENDIREH 2021 y las alertas de género: algunos datos con enfoque de prevención. [S. l.], 2022. Disponível em: https://media.datacivica.org/pdf/Reporte_25N_2022.pdf. Acesso em: 13 set. 2025.

DIARIO OFICIAL DE LA FEDERACIÓN. Modelo Integral de Atención a Víctimas, **Diario Oficial de la Federación**, 2015. Disponível em: https://dof.gob.mx/nota_detalle.php?codigo=5395286&fecha=04/06/2015#gsc.tab=0. Acesso em: 7 set. 2025.

DONGHI, Tulio Halperían. Historiografía colonial hispano-americana e multiculturalismo: a história da colonização entre a perspectiva do colonizador e a do colonizado. **Revista Estudos Históricos**, v.10, n.20, p.163–194, 1997.

ESPINAL, Diana Lilia Trevilla; AZCONA, Ivett Peña. Territorializar la soberanía alimentaria: prácticas feministas en el sur de México. **LEISA Revista de Agroecología**, v.36, n.1, p.28–30, 2020. 88

ESTÉVEZ, Ariadna. La violencia contra las mujeres y la crisis de derechos humanos: de la narcoguerra a las guerras necropolíticas. **Revista Interdisciplinaria de Estudios de Género de El Colegio de México**, v.3, n.6, p.69–100, 2017.

FRAGOSO, Julia Monárrez. Femicidio sexual serial en Ciudad Juárez: 1993–2001. **Debate Feminista**, v.25, p.279–305, 2002.

GIRE. **¿Qué es la marea verde? ¿Y el pañuelo?**, Gire, 2026. Disponível em: <https://gire.org.mx/limon/que-es-la-marea-verde-y-el-panuelo/>. Acesso em: 1 ago. 2026.

GOBIERNO DE MÉXICO. ¿Qué es el feminicidio y cómo identificarlo?. **Gobierno de México**, 2016. Disponível em: <https://www.gob.mx/conavim/articulos/que-es-el-feminicidio-y-como-identificarlo?idiom=es>. Acesso em: 13 set. 2025.

GOBIERNO DE MÉXICO. Basic Information about Mexico, **Embajada de México en Nigeria**, 2023. Disponível em: <https://embamex.sre.gob.mx/nigeria/index.php/en/information-about-mexico/mexico-facts>. Acesso em: 14 set. 2025.

GÓMEZ, Cecilia Martínez. La estructura patriarcal y la constante violencia contra las mujeres en México. **Ciencia Jurídica**, v.11, n.21, p.87–105, 2022.

GONZALBO, Fernando Escalante. Paisaje antes de la batalla. Notas sobre el contexto de la guerra contra las drogas en México. *Revista mexicana de ciencias políticas y sociales*, v. 58, n. 218, p. 73-104, 2013.

GRESS, Eva Selene Hernabdéz; FLEGL, Martin; KRSTIKJ, Aleksandra; BOYES, Christina. Femicide in Mexico: statistical evidence of an increasing trend. **PLOS ONE**, v.18, n.12, 2023.





INEGI. Mortalidad – Conjunto de datos: defunciones por homicidios, **Instituto Nacional de Estadística y Geografía**, 2026. Disponível em: https://www.inegi.org.mx/sistemas/olap/consulta/general_ver4/MDXQueryDatos.asp?proy=. Acesso em: 12 set. 2025.

INSTITUTO IGARAPÉ. Retrato da violência contra mulheres no México nos últimos cinco anos: coexistência de fenômenos de múltiplas violências, **Instituto Igarapé**, 2023. Disponível em: <https://igarape.org.br/retrato-da-violencia-contra-mulheres-no-mexico-nos-ultimos-cinco-anos/>. Acesso em: 19 ago. 2026.

MAGALONI, Beatriz; MAGALONI, Ana Laura; RAZU, Zaira. La tortura como método de investigación criminal. El impacto de la guerra contra las drogas en México. *Política y gobierno*, v. 25, n. 2, p. 223-261, 2018.

MANETTO, Francesco. O conflito de López Obrador com o feminismo marca um 8 de março de indignação e protesto, **El País Brasil**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-03-08/o-conflito-de-lopez-obrador-com-o-feminismo-marca-um-8-de-marco-de-indignacao-e-protesto.html>. Acesso em: 13 set. 2023.

MARÍN VÁZQUEZ, Yaredh. De muro de paz a muro de la vergüenza: prácticas artísticas populares feministas en México. **Pensamiento, Palabra y Obra**, v.26, p.164–179, 2021.

89

MIES, Maria. **Patriarcado y acumulación a escala mundial**, Traficantes de Sueños, 2019.

MORENO, Francisco Javier Sánchez. El cautivo y su instrumentalización en las relaciones fronterizas tras el Tratado de Guadalupe-Hidalgo. **Anuario de Estudios Americanos**, v.68, n.1, p.51–72, 2011.

ONU MUJERES. Las huellas de los feminicidios en CDMX, **ONU Mujeres**, 2024. Disponível em: <https://lac.unwomen.org/es/stories/noticia/2024/03/las-huellas-de-los-feminicidios-en-cdmx>. Acesso em: 1 set. 2025.

ONU NEWS. Mexico: Boom in organised crime making femicide invisible, local activist says, **UN News**, 2024. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2024/12/1157811>. Acesso em: 10 set. 2025.

OSORNO, Diego Enrique. **El cártel de Sinaloa**: una historia del uso político del narco, Grijalbo, 2011.

PICCATO, Pablo. **Historia mínima de la violencia en México**, El Colegio de México, 2022.

REINA, Elena. México registra 21 assassinatos de mulheres durante os dois dias de protesto feminista, **El País Internacional**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-11/mexico-registra-21-assassinatos-de-mulheres-durante-os-dois-dias-de-protesto-feminista.html>. Acesso em: 13 set. 2025.

RODRIGUES, Thiago; LABATE, Beatriz. México y el narcoanálisis: una genealogía de las políticas de drogas en los gobiernos Calderón y Peña Nieto, **Colombia Internacional**, 100, 39–60, 2019.

SARKIS, Miguel Ortiz. Orígenes y desarrollo del crimen organizado en América Latina (1916–2013). **Revista Política y Estrategia**, n.121, p.119–150, 2013.

SOUZA, Herbert José. **Como se faz análise de conjuntura**, Petrópolis: Vozes, 1984.





TUÑÓN PABLOS, Julia. **Mujeres en México**: una historia olvidada, México: Grupo Editorial Planeta, 1987.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC); UN WOMEN. **Femicides in 2023**: Global Estimates of Intimate Partner/Family Member Femicides, United Nations, 2024. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2024/11/femicides-in-2023-global-estimates-of-intimate-partner-family-member-femicides>. Acesso em: 1 ago. 2026.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). **World Drug Report 2025**, United Nations, 2025. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/world-drug-report-2025-maps.html>. Acesso em: 13 set. 2025.

VOGUE MÉXICO Y LATINOAMÉRICA. Un Día Sin Nosotras: ¿Cuál es el origen del primer paro de mujeres en México?, **Vogue México y Latinoamérica**, 2020. Disponível em: <https://www.vogue.mx/estilo-de-vida/articulo/un-dia-sin-nosotras-quien-comenzo-el-primer-paro-de-mujeres-en-mexico>. Acesso em: 18 jun. 2025.

WASHINGTON OFFICE ON LATIN AMERICA; LATIN AMERICA WORKING GROUP. **Crying Out for Justice**: Murders of Women in Ciudad Juárez, Mexico, 2005. Disponível em: https://www.wola.org/sites/default/files/downloadable/Mexico/past/crying_out_for_justice.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

